

I Encontro de Pesquisadores Discentes do APORIA
Laboratório de Filosofia Antiga e Recepção da UFF

6 a 8 de novembro de 2018

Programação

6 nov.
terça-feira
Auditório O-510

14h	Conferência de abertura: Prof. Fernando José de Santoro Moreira - UFRJ "A primeira filósofa, ou 4 razões para incluir Safo nas antigas listas dos primeiros sábios"
15h	Mesa 1: Giovanna Pelliccione Girota de Souza - "Filosofia e performance: o papel do corpo para a construção de si" Ottávio de Azevedo Oliveira Rodrigues - "'Tu não combinas fio com fio': o discurso sofístico no <i>Eutidemo</i> de Platão"
15h40	Debate
16h	Intervalo
16h30	Mesa 2: Gustavo Gomes de Souza - "A presença da Teoria das Formas no <i>Teeteto</i> de Platão" João Carlos Pereira da Silva - "A ignorância socrática a partir da leitura ciceroniana dos <i>Acadêmicas</i> "
17h10	Debate
17h30	Encerramento do primeiro dia

7 nov.
quarta-feira
Auditório O-510

14h	Mesa 1:
-----	----------------

	<p>Alexsander de Souza Netto Salles - "O nascimento da <i>parrhesía</i> política e o processo de laicização da pólis grega: uma análise a partir das tragédias de Eurípides"</p> <p>Cristhian Feijóo Cecchetti - "A Medeia de Eurípides e <i>O Lobo atrás da Porta</i>: uma das muitas faces de uma Medeia Contemporânea"</p>
14h40	Debate
15h	<p>Mesa 2:</p> <p>Priscila Céspedes Cupello - "O Sócrates de Michel Foucault e o pensamento do fora"</p> <p>Danielle Ferreira da Rocha - "O papel da Mentira Útil na educação e na formação de opiniões"</p>
15h40	Debate
16h	Intervalo
16h30	<p>Mesa 3:</p> <p>Bias Busquet Guimarães - "O Poema de Empédocles: a fortuna crítica em língua portuguesa"</p> <p>Bruno Fernandes Santos - "O sopro Divino: as vozes da tradição e o Poema de Parmênides"</p> <p>Jonathan Almeida de Souza - "A <i>harmonía</i> entre duas formas de <i>juramento</i>: a <i>diferença</i> revelada na guerra"</p>
17h30	Debate
18h	Encerramento do segundo dia

8 nov.
quinta-feira
Auditório O-516

14h	<p>Mesa 1:</p> <p>Rodrigo Azevedo - "Marco Aurélio: o último grande filósofo estoico?"</p> <p>Eduardo da Silva Machado - "Harmonia entre Vontade e Destino nas <i>Epistulae Morales</i> de Sêneca a Lucílio"</p>
14h40	Debate

15h	<p>Mesa 2:</p> <p>Carlos Enéas Moraes Lins da Silva - "Musônio Rufo político"</p> <p>Roberto Torviso - "Sobre a relação entre a condição do exílio e a gênese do cosmopolitismo antigo"</p>
15h40	Debate
16h	Intervalo
16h30	<p>Mesa 3:</p> <p>Mauro J. S. dos Reis Araujo - "<i>Clinamen</i>: o movimento que rompe com os desígnios do fado"</p> <p>Jeferson da Costa Valadares - "A recepção dos conceitos de 'ignorância', 'voluntário' e 'involuntário' a partir de Nemésio de Emesa (ca. 400) no <i>De actibus humanis</i> de Tomás de Aquino"</p>
17h10	Debate
17h30	Intervalo
18h	<p>Conferência de encerramento:</p> <p>Profa. Marcia Sá Cavalcante Schuback - Universidade de Södertörn</p>

Resumos

Alexsander de Souza Netto Salles - PFI-UFF

"O nascimento da *parrhesía* política e o processo de laicização da pólis grega: uma análise a partir das tragédias de Eurípides"

A futura pesquisa dedicar-se-á à etimologia do termo *parrhesía*, a fim de verificar se há alguma correlação entre o seu surgimento e o processo de laicização da pólis grega. Se até um dado momento o discurso oracular - que pressupõe dizer, ou mesmo revelar a verdade - chegava a orientar as decisões políticas na Grécia antiga, como compreender o surgimento da *parrhesía*, outra modalidade de dizer a verdade capaz de organizar a política grega? E ainda: o processo de laicização da pólis grega inicia-se a partir da utilização da *parrhesía*, ou já seria ela um efeito da laicização da pólis? Para tentar responder a estas e outras indagações, a

pesquisa mapeará as seis tragédias de Eurípides em que constam o termo *parrhesía* - já que as primeiras aparições deste termo se deram em suas obras -, a saber: a) *As fenícias*; b) *Hipólito*; c) *As bacantes*; d) *Orestes*; e) *Íon* e f) *Electra*.

Bias Busquet Guimarães - PIBIC-UFF

"O Poema de Empédocles: a fortuna crítica em língua portuguesa"

O objetivo desta comunicação é apresentar as linhas interpretativas dos trabalhos acadêmicos que conformam a fortuna crítica em língua portuguesa sobre o *Poema de Empédocles*. A relação destes trabalhos consubstancia-se a partir de artigos, dissertações, traduções e teses elaboradas pela comunidade acadêmica brasileira e portuguesa, os quais consolidaram temas significativos para o estudo do Poema.

Assim, os temas consolidados pela comunidade acadêmica em língua portuguesa sobre o *Poema de Empédocles* são os seguintes: (A) a *teoria da percepção* ou dos *poros* (πόρος - πόρος); (B) a relação entre *mýthos* (μῦθος) e *lógos* (λόγος) ou pensamento mítico e pensamento cosmológico nas respectivas partes, *perì phýseōs* (περὶ φύσεως) e *katharmoií* (καθαρμοί); (C) o *êthos* (ἦθος) das raízes (ρίζωματα - *rhizómata*) na cosmologia; (D) a democracia (δημοκρατία - *dēmokratía*) como pensamento político; (E) a harmonia (ἁρμονία - *harmonía*) cósmica.

Além disso, com esta comunicação também faremos uma consideração ao termo *harmonia* no *Poema de Empédocles* para o intento de sugerir uma nova linha interpretativa, em relação ao que já foi desenvolvido nos trabalhos críticos da comunidade acadêmica em língua portuguesa.

Bruno Fernandes Santos - UFF

"O sopro Divino: as vozes da tradição e o Poema de Parmênides"

Busco realçar, por intermédio de uma abordagem histórico-filosófica, como o Poema de Parmênides só se torna possível em contato e flerte com as vozes da tradição poética que o antecedem. Nesse sentido, tomo como ponto de partida os legados poéticos, de Homero, e os proto-filosóficos de Xenófanes de Colofão, que se tornam a força motriz para Parmênides realizar o antes irrealizável. Estando ele neste lugar fronteiro entre a poesia e a filosofia por vir, Parmênides encarnaria os ecos da tradição poética em seu Poema até determinado ponto, pois elas não podem ir adiante na viagem até o conhecimento da verdade inteira. Assim, flertando com a poesia, o eleata seria aquele que sabe lembrar aquilo que é digno de não se esquecer dela.

Carlos Enéas Moraes Lins da Silva - PFI-UFF

"Musônio Rufo político"

Podemos encontrar nas Diatribes de Musônio Rufo elementos que possibilitam pensar alguns temas políticos. Podemos dividir satisfatoriamente o que chamamos aqui de sua "teoria política" em uma figura de Bom Governante, tal como está expressa da diatribe VIII, e uma noção de Cidade bem orientada, cujos aspectos se encontram em diversas diatribes e contemplam os temas da *parrhesia*, do cosmopolitismo, do respeito às leis, e da organização familiar. Nosso objetivo final é relacionar a teoria política de Musônio com a sua prodigiosa ação política, empreendida no primeiro século da era Comum, em Roma. Como breve apêndice, propomos uma relação entre as virtudes de bom governante de Musônio e o desenvolvimento das virtudes cardeais ao longo do estoicismo antigo, elegendo, entretanto, Crisipo como grande expoente. Nossa hipótese é de que Musônio não só tinha em mente as quatro virtudes cardeais do socratismo quando elabora sua concepção de bom governante, como tinha também especial apreço pela opinião da ortodoxia estoica, sendo ele mesmo, por conta disso, um estoico ortodoxo.

Cristhian Feijóo Cecchetti - UFF

"A Medeia de Eurípides e *O Lobo atrás da Porta*: uma das muitas faces de uma Medeia Contemporânea"

O escopo inicial deste trabalho é o de criar um vínculo, e portanto, uma identidade entre a-mais-que personagem clássica de Eurípides, a Medeia trágica, com uma re-localizada aos nossos dias, uma Medeia contemporânea. Para tal, utilizarei o filme *O Lobo Atrás da Porta* (2013), de Fernando Coimbra, como aproximação atualizada desta figura arquetípica da feminilidade subjugada por Jasão e, além de abrir embates de origens arcaicas entre o papel sociocultural dos gêneros na história ocidental, busco alinhar a narrativa da tragédia com o roteiro da película numa síntese de padrão ético: o efeito Medeia como a resposta primitiva contra um certo excesso fálico no jogo gâmico da humanidade. Portanto, surge em objetivo da seguinte proposta temática a noção de que além de um modelo de heroína helênica, elevada às últimas por força da arte trágica ática, Medeia é um sinal latente ainda em pulso do fundo cultural de todos nós.

Danielle Ferreira da Rocha - PPGFIL-UFRRJ

"O papel da Mentira Útil na educação e na formação de opiniões"

Iniciando por uma breve elucidção acerca do tema da mentira útil, que toma como pano de fundo o livro *A República* de Platão, tentarei traçar um paralelo entre ela e os mitos, enquadrando-os como uma espécie de mentira, mas que pode ser capaz de transmitir, quando bem formulados, através de suas alegorias, ensinamentos pautados na verdade. A partir daí, baseando-me primeiramente na passagem 377a do livro II da *República*, procurarei analisar os motivos que reservam lugar

e atribuem importância aos mitos na educação, sobretudo no que diz respeito aos efeitos que se espera ver surgir através da contação de histórias. Das conclusões que espero retirar dessa análise, uma diz respeito à função de formar opiniões, sobretudo nos mais jovens, atribuída à educação pelos mitos. Para cumprir com isso, além de investigar tudo o que se diz sobre a educação em imaginação, será também necessário esboçar ao menos um resumo daquilo que pode ser entendido como opinião, de modo a deixar clara a pertinência das aproximações que serão feitas. Ao final, pretendo apontar uma passagem, que consta no diálogo de mesmo autor, *A Leis*, que dá suporte à aproximação, que constitui o foco desta investigação, entre a mentira útil e a concepção das opiniões.

Eduardo da Silva Machado - PIBIC-UFF

"Harmonia entre Vontade e Destino nas *Epistulae Morales* de Sêneca a Lucílio"

Buscando, no pensamento de Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.) seu entendimento sobre o paradoxo estoico Destino/Liberdade, percorrendo suas célebres *Epistulae Morales*, cartas exortativas à busca da sabedoria a seu amigo Lucílio, observamos que o filósofo romano volta sistematicamente suas palavras à noção de fim (*telos*) da vida do sábio como "viver em harmonia com a natureza" (*tò homologouménos têi phýsei zên*), conceito que já teria sido formulado no fundador da escola helenista Zenão, corroborado por Cleantes e sistematizado por Crisipo, segundo nos legou Diógenes Laércio. Nesse trajeto observamos presente na obra e retirado da premissa fundante da ética estoica acima citada, o conceito de *homologia* como aquela "harmonia" entre o discurso e as ações, a alma e corpo, a vontade e o destino, e que deve ser a busca para o mais alto grau de sabedoria. Sendo Sêneca um escritor latino, destacamos alguns termos do latim que se referem a tal conceito como *concordia*, *consonans*, *constare*, e, em especial *convenientia*, neologismo cunhado pelo famoso Cícero em sua obra *De Finibus Bonorum et Malorum*, numa direta alusão ao termo *Homología*. Assim, a partir de um mapeamento das cartas enviadas a Lucílio, apresentamos alguns temas tratados por Sêneca, em que ele sugere a necessidade da harmonia entre a Vontade e a Natureza, tais quais: Viver em harmonia com a Natureza e as relações humanas (Ep. 5); viver em harmonia com a Natureza, o *impetus*, o *logos* e deus (Ep. 41); *Homología* (*convenientia*) enquanto *télos* estoico (Ep.74), viver em harmonia com a Natureza, o Bem e a Excelência (Ep. 118); viver contra a Natureza (Ep. 122); finalizando com o ensinamento senequiano da importância de harmonizar vontade e Destino na Epístola 107.

Giovanna Pelliccione Girota de Souza - UFF

"Filosofia e performance: o papel do corpo para a construção de si"

Pode-se delinear, em diversos momentos históricos, estudos que se dedicaram à temática da construção de si. Neste trabalho, procura-se apresentar as dessemelhanças presentes entre o papel do corpo nas sociedades contemporâneas, nas quais as identidades se constituem cada vez mais na esfera da visibilidade, e na filosofia cínica, especificamente em Diógenes, O Cínico, filósofo representante desta escola helenística.

Gustavo Gomes de Souza - UFF

"A presença da Teoria das Formas no *Teeteto* de Platão"

O objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações acerca do conceito de *episteme* (conhecimento) no *Teeteto* de Platão, utilizando a língua grega como instrumento de entendimento dos conceitos trabalhados no diálogo, com ênfase específica no debate acerca da presença da Teoria das Formas no texto.

Jeferson da Costa Valadares - UFRJ/ENS de Lyon

"A recepção dos conceitos de 'ignorância', 'voluntário' e 'involuntário' a partir de Nemésio de Emesa (ca. 400) no *De actibus humanis* de Tomás de Aquino"

Em seu livro *Emotions in Ancient and Medieval Philosophy*, Simo Knuuttila aborda alguns aspectos da teoria das emoções desenvolvidas por Nemésio, Bispo de Emesa (ca. 400), em sua obra *De natura hominis* (Sobre a natureza do homem). Resgatando assim uma figura marginalizada da historiografia filosófica que trata do tema das emoções, da teoria dos atos humanos, entre outros. O pensamento de Nemésio foi, durante boa parte do pensamento escolástico, tomando erroneamente como sendo de Gregório de Nissa. Segundo a observação de A. Gardeil sobre a figura de Nemésio na construção da teoria dos atos humanos desenvolvida na idade média, Tomás de Aquino merece ser consultado especialmente para os atos de 'conselho' e da 'eleição', conforme o *De nat. hom.*, c. XXXIII sq., alias 1, IV, c. IV, porque o paralelismo é patente com a *Summa Theologiae* Ia-IIae, q. 13, a. 2; q. 14, a. 1, 4; q. 17, a. 7, 8, arg. *sed contra*. Contudo, o que nos interessa nessa possível recepção do pensamento do Bispo de Emesa no pensamento escolástico, concerne especificamente à sua teoria do 'voluntário' e do 'involuntário'. O assunto encontra-se em *De nat. hom.*, c. XXIX e XXX e, sobre a 'ignorância' o c. XXXI e c. XXXII. Ora, em *Summa Theologiae* Ia-IIae, q. 6, a. 6, *sed contra*, Tomás trata do 'voluntário' e do 'involuntário' evocando - como se convencionou - erroneamente Gregório de Nissa, sendo na verdade tal doutrina do próprio Nemésio. Outrossim, na q. 7, a. 2, *sed contra*, ele aborda a 'ignorância' no contexto das circunstâncias dos atos humanos. E, por fim, na q. 7, a. 4, *sed contra*, continua

o raciocínio sobre os atos humanos. Isto posto, o objetivo deste trabalho é mapear as ocorrências de tais termos no paralelismo da recepção dos conceitos anteriormente tratados por Nemésio e utilizados por Tomás na construção de uma teoria dos atos humanos.

João Carlos Pereira da Silva - PPGLM-UFRJ

"A ignorância socrática a partir da leitura ciceroniana dos *Acadêmicas*"

O presente trabalho é resultado de uma reflexão acerca do modo como Sócrates desenvolveu e viveu sua filosofia, modo esse que contempla o *élenkhos* e sua famosa ironia no exercício da dialética que, sobretudo durante os primeiros diálogos platônicos, é caracterizada pela forma refutativa das teses ali discutidas. Esse período destrutivo da filosofia socrática é o momento sobre o qual os filósofos céticos da Academia, em um período bem posterior a Platão, se basearam para reivindicarem para o seu ceticismo uma filiação às filosofias socrática e platônica. Dada essa breve contextualização, nos propomos aqui a analisar de que maneira o método socrático de filosofar é apresentado e desenvolvido em duas obras de Platão, a *Apologia*, uma obra do período inicial; e o *Teeteto*, obra do período de maturidade, todavia, muito pertinente por se tratar de um diálogo que tem como tema a busca por uma definição universal de conhecimento (*epistème*), e que termina com um desfecho aporético, bem como os primeiros diálogos. Nas duas obras se observa não apenas uma similaridade da descrição e do exercício do método socrático, bem como a alegação de ignorância por parte de Sócrates, além da associação de sua atividade filosófica a um exercício divino, exercício esse que, a nosso ver, é o elemento garantidor de qualquer conhecimento que possa vir a ser associado a Sócrates, apesar de sua alegação de ignorância.

Jonathan Almeida de Souza - PFI-UFF

"A *harmonía* entre duas formas de juramento: a diferença revelada na guerra"

A semântica da *harmonía* na Antiguidade grega percorreu inúmeros caminhos, perpetuando-se nas mais diversas formas. Inúmeros autores, em diferentes séculos, lançaram mão dela para manipular seus significados e proporcionar, em certo sentido, uma explicação do cosmo que os cercava. Tendo isto em vista, seus múltiplos usos conflagram sua profusão de significados. Em todo período Arcaico e Clássico, o termo *harmonía* foi usado em diferentes contextos, desde o campo de batalha até a medicina, passando por diversas formas de expressão, tais como, a cosmogonia, a geometria, a matemática, a música, entre outras. Presente tanto na *poesia homérica* e *hesiódica*, como nas primeiras manifestações daquilo que viria a ser chamado de filosofia, a *harmonía*

vive, em sua história, momentos religiosamente bem definidos, como na *Teogonia* de Hesíodo, por exemplo, até alcançar uma profunda laicidade no pensamento de caráter filosófico. Desta forma, o objetivo da comunicação será apresentar a correlação entre dois termos distintos que demarcam duas formas de se dizer *juramento* em grego e, concomitantemente ligada a esta ideia, compreender o papel da *harmonía* na conjugação delas. Em um excerto da *Iliáda* de Homero, tendo como pano de fundo o modo como este poeta enredou o diálogo entre dois personagens no *Canto XXII*, Aquiles e Héctor, na realização de tal proposta, observaremos como os termos *hórkia* e *synēmosýnē*, ambos cobertos pela semântica do *juramento*, articulam-se e que imagem de mundo elas revelam mediante as perspectivas e as diferenças de *estatura* dos personagens. Percebemos que é, neste trecho deste *Canto*, que a primeira ocorrência da *harmonía* como substantivo aparece, o que nos fornece, a um só tempo, duas compreensões: o entendimento que os guerreiros têm de si e aquilo que marca a semântica mais fundamental do termo *harmonía*, a saber, a relação de contrários.

Mauro J. S. dos Reis Araujo - PPGF-UFRJ

"*Clinamen*: o movimento que rompe com os desígnios do fado"
Como explicar que corpos ínfimos de matéria, dispersos na imensidão do vazio, seriam capazes de se desviarem levemente de suas respectivas trajetórias e se agruparem em diversos tipos de arranjos atômicos? Essa talvez tenha sido uma das inquietações que permeava as discussões epicuristas após cada argumento do Pórtico que questionava o *acaso* (*týkhé*) como justificativa para a existência dos corpos que compõem a *Natureza* (*Phýsis*). Apresento esta indagação como algo plausível a partir do reconhecimento de que boa parte dos argumentos em defesa da filosofia do Jardim, assim como os da escola estoica, surgiram ao sabor dos embates entre ambas. Apesar de o Jardim epicurista ter sido fundado em Atenas, alguns anos antes de Zenão iniciar suas preleções no Pórtico, essas duas proeminentes correntes filosóficas disputavam espaço na Hélade e posteriormente em Roma. Epicuro, em suas cartas, não nos apresenta uma resposta para nossa pergunta. Talvez porque tais epístolas tenham por objetivo apenas ressaltar os pontos gerais de sua doutrina ou porque, no período em que as mesmas foram escritas, ainda não havia a preocupação de justificar de modo mais claro o surgimento da realidade a partir do *acaso*. Contudo, em Lucrecio (em seu *De Rerum Natura*), já no período romano, encontramos um conceito que representa um movimento de desvio na trajetória dos átomos que tenta preencher algumas possíveis lacunas presentes na *Physiología* epicúrea, o *clinamen*.

O *clinamen*, na obra lucreciana, tem um papel fundamental na justificação do surgimento dos arranjos atômicos a partir do

acaso, porém também é empregado como pressuposto para a existência da *liberdade* humana. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é descrever e analisar o conceito de *clinamen* e sua importância no corpus epicurista.

Ottávio de Azevedo Oliveira Rodrigues - PFI-UFF

"Tu não combinas fio com fio": o discurso sofístico no *Eutidemo* de Platão"

Platão, em seu diálogo *Eutidemo*, traz-nos Sócrates narrando um encontro que tivera com os irmãos sofistas Eutidemo e Dionisodoro, os quais, em três momentos do diálogo, assumem a condução da conversação para fazer uma mostra (*epídeixis*) dos seus saberes. Os interlocutores que dividem a cena dramática do *Eutidemo* envolvem-se em uma teia de argumentos que os levam a concluir que Sócrates não teria um pai, o pai de Eutidemo seria também pai de todos, a sua mãe seria a mãe do ouriço do mar e, além disso, Eutidemo teria como progenitor um cão (298c-e). Diante disso, Ctesipo, um jovem que também é feito personagem neste diálogo, chega ao ponto de advertir Eutidemo por considerar que ele, quando fala, não combina fio com fio (*ou línōn línōi synápteis*, 298c). Nossa comunicação pretenderá ocupar-se, justamente, dessas passagens em que Platão faz os irmãos defenderem posições bastante distintas de qualquer expectativa imediata, para, com isso, identificar nestes absurdos o modo como estes sofistas lidam com a língua.

Priscila Céspedes Cupello - PPGLM-UFRJ

"O Sócrates de Michel Foucault e o pensamento do fora"

Este trabalho propõe-se a apresentar e discutir o Sócrates de Michel Foucault, analisando de que modo o autor reverte seu olhar para a figura do filósofo ateniense. Atravessaremos o debate levantado por Foucault acerca do "cuidado de si" e da *parresía* na atitude socrática, fundamentando nossa interpretação no conceito desenvolvido por Michel Foucault de "pensamento do fora", que tem por base pensar a vida e morte de Sócrates como representações de resistência, transgressão e criação do novo. Sócrates representa o pensamento do fora por estar na contramão da vida ordinária ateniense e instaurar um novo *êthos*, que tomará maiores proporções após sua condenação à morte pelo tribunal democrático ateniense.

Roberto Torviso - PFI-UFF

"Sobre a relação entre a condição do exílio e a gênese do cosmopolitismo antigo"

Ao longo da pesquisa sobre o cosmopolitismo cínico-estoico, deparamo-nos com um ponto comum entre os autores que versaram sobre o tema: foram exilados. Esta comunicação tem por objetivo comentar esta interessante coincidência nos modelos de Diógenes, Sêneca e Musônio Rufo.

Rodrigo Azevedo - PPGLM-UFRJ

"Marco Aurélio: o último grande filósofo estoico?"
Sobre a vida de Marco Aurélio, a relação imperador-filósofo é notável e curiosa. Afinal, podemos sustentar que ele representa a realização da expectativa platônica do rei filósofo? Antes de responder essa pergunta devemos indagar radicalmente se é possível considerá-lo filósofo e em que medida é possível afirmar que sim ou não. Se consideramos Marco Aurélio filósofo, quais razões se apresentam? Se não, por quê? Não podemos negar que Marco apresenta uma grande dificuldade para aqueles que pretendem denominá-lo filósofo porque ele mesmo confessou que ficou claro para muitos - e até para si próprio! - que ele se encontrava bem distante da Filosofia. Ora, se o próprio imperador declarou que, apesar de desejar ser considerado filósofo, sua reputação como filósofo estava manchada, como argumentar o contrário? Creio que um importante motivo pelo qual a tarefa é digna reside no fato de contribuir para anunciar que a questão sobre o que significa ser filósofo nem deve ser tomada por certa sem razões, por mais distinto que seja o pensador em questão, nem tampouco deve ser esquecida.